



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

MICHELINE BARROS CHAVES

MORTE E UTOPIA NA POÉTICA DO SER DE ASSUNÇÃO

CAMPINA GRANDE – PB
2011

MICHELINE BARROS CHAVES

Morte e utopia na Poética do Ser de Assunção

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Eli Brandão da Silva.

CAMPINA GRANDE – PB

2011

C512m

Chaves, Micheline Barros.

Morte e utopia na poética do ser de Assunção [Manuscrito] /
Micheline Barros Chaves. – 2011.

23 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Eli Brandão da Silva”, Departamento de
Letras.

1. Análise Literária. 2. Poesia. 3. Crítica. 4. Morte. 5. Utopia. I.
Título.

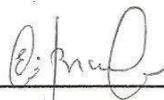
21. ed. CDD 801.95

MICHELINE BARROS CHAVES

Morte e utopia na Poética do ser de Assunção.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em 01 / 12 / 2011.



Nota 9,0 (nove)

Prof. Dr. Eli Brandão da Silva / UEPB

Orientador



Nota 9,0

Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva / UEPB

Examinadora



Nota 9,0

Prof^a Ms Andreia de Lima Andrade / UEPB

Examinadora

Média 9,0

Aos meus amados esposo e filho com toda gratidão e à
minha mãe e irmãs que sempre acreditaram em recomeço.

DEDICO.

Morte e utopia na Poética do ser de Assunção

CHAVES, Micheline Barros.¹

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como objeto de estudo a obra poética de José Antônio Assunção, tendo como objetivo identificar a presença dos temas morte e utopia e analisar a possível existência de um diálogo interdiscursivo com a teologia cristã e a filosofia existencial. A pertinência deste trabalho revela-se a partir da necessidade de fazer emergir, no cenário acadêmico, estudos que contemplem obras de autores paraibanos contemporâneos reconhecidos no âmbito da crítica literária nacional, inclusive premiados nas regiões Sul e Sudeste do país, mas cuja fortuna crítica, paradoxalmente, ainda é muito pequena. Optamos por uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa. Constatamos, até este ponto da pesquisa, que a obra poética de Assunção apresenta forte pendor existencialista reflexivo, em particular, referente aos temas morte e utopia, imbricados em um diálogo com textos da mitologia e figuras da teologia cristã. Para o aporte teórico-metodológico, servimo-nos de contribuições dos autores Maingueneau (1993/2005); Fiorin (2003/2006); Barros (1994); Melo (1996).

Palavras-chave: Poesia, Interdiscurso, Morte, Utopia.

¹ Graduanda em Letras / UEPB - michelinebchaves@gmail.com

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa participa do projeto/PROPESq 2008-2010, que objetiva estudar obras de autores paraibanos, buscando estabelecer diálogo com a filosofia existencialista, a partir de figuras e temas referentes ao pensamento niilista e/ou utópico. A pesquisa retoma, através da representação literária, a discussão sobre a recorrente questão do sentido da vida humana, contribuindo, assim, para o aprofundamento do estudo de temáticas que apontam para a finitude e esperanças do humano, ampliando a fortuna crítica relativa aos estudos comparativos e interculturais, aos estudos sobre as relações entre literatura e filosofia existencial, particularmente, os dirigidos à literatura paraibana, o que fortalece a base de pesquisa do Grupo CNPq - Litterasofia. Hermenêutica literária em diálogo com a filosofia e a teologia, da UEPB - a linha de pesquisa do Curso de Letras e do Mestrado/Doutorado em Literatura e Interculturalidade do DLA/UEPB.

Dentro deste contexto de pesquisa, examinaremos a obra poética do paraibano José Antônio Assunção buscando perceber a presença das temáticas existencialistas da morte e da utopia num possível imbricamento com discursos teológicos ligados à tradição cristã. Identificar estratos textuais e discursivos referentes à morte e à utopia, destacando seus diferentes sentidos. Na sequência, analisamos, a partir de diálogo interdiscursivo com a tradição cristã, a tematização da morte e da utopia, discutindo identidades e diferenças encontradas nesse diálogo. A partir destas considerações, interpretaremos sentidos plausíveis da morte e da utopia engendrados na poética de Assunção e as relações possíveis entre os mesmos. Para tanto, selecionamos as obras **Câncer no Pêssego** e **A Trapaça da Rosa** das quais retiramos, para nossa análise, alguns poemas. A pertinência deste estudo revela-se, primeiramente, porque os temas existenciais morte e utopia permeiam o humano e a poesia de Assunção busca interpretá-los numa experienciação em torno da compreensão acerca do humano e suas inquietações; segundo, reforça os estudos relativos à presença de temáticas existenciais no âmbito da Literatura e estudos comparativos que se configuram a partir do interdiscurso com teologias de tradição cristã e/ou filosofias existenciais. Reafirma-se, ainda, a importância deste trabalho, pois que contribui para a construção de

fortuna crítica de autores paraibanos, especialmente, acrescentando dados à fortuna crítica sobre a obra deste autor que, apesar, do reconhecimento nacional, não obteve, ainda, o da crítica literária paraibana.

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Para esta análise, realizamos uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, efetivada por abordagem plurimetodológica, compreendendo análise e interpretação, conjugando elementos de semântica discursiva, de Maingueneau e Fiorin, num trabalho hermenêutico, que buscou dialogar com a fortuna crítica sobre a obra do poeta. Os textos, assuncianos foram selecionados por critérios de presença patente de estratos intertextuais e interdiscursivos referentes às questões existenciais da morte e da utopia, e sempre que possível buscamos as relações interdiscursivas entre utopia e morte, provenientes do universo filosófico e teológico.

Na análise consideramos que o processo interdiscursivo ocorre quando se incorporam temas e/ou figuras, percursos temáticos e/ou figurativos de um discurso em outro. Observar-se-á que o discurso, ao definir sua identidade em relação ao outro, constitui uma heterogeneidade, revelando, por um lado sua identidade e, por outro, sua diferença (MAINGUENEAU, 1993). O interdiscurso pode ser mais bem entendido através da distinção, feita por Maingueneau, entre as noções de Universo discursivo; campo discursivo; e espaços discursivos. O primeiro, constituído pelo conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa dada conjuntura, não podendo ser, por causa de sua amplitude, apreendido em sua globalidade; o segundo refere-se ao conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência e se delimitam reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo, podendo ser exemplificado pelo campo político, filosófico, gramatical, teológico, etc.; o terceiro, os espaços discursivos, delimitam subconjuntos ou recortes que o analista isola no interior de um campo discursivo tendo em vista os propósitos específicos de sua análise (MAINGUENEAU, 1995, p.115-117).

Por essa complexidade, a abordagem neste trabalho é mais próxima do que se pode chamar de hermenêutica discursiva. Isto porque se trata de uma hermenêutica com degrau analítico, que conjuga elementos da semântica discursiva.

Por não haver temas especificamente literários e pela potência palimpsêstica e pluridiscursiva da literatura, considera-se que “a obra pode ser concebida e julgada do ponto de vista de qualquer dos valores nela contidos” (MUKARÓVSKY, 1981, p.128,169,170), que o diálogo interdiscursivo tecido no seio do texto literário configura relações de concordância ou discordância com outros discursos provenientes de tradições teológicas e/ou filosóficas.

Consideramos a compreensão bakhtiniana de que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outras vozes. Neste sentido, o texto poético é percebido como o lugar de encontro de muitas vozes que se condensam e se difundem a partir de outros textos e/ou discursos. Assim, concebemos a obra poética, consubstanciada em forma de texto, como um referencial que denota, ao mesmo tempo, o “Mesmo” e o “Outro” dentro e fora do fenômeno linguístico.

Ainda para um maior aprofundamento analítico, usamos os pressupostos teóricos da Teoria da Transtextualidade de Gérard Genette, principalmente os conceitos de paratexto, hipotexto e hipertexto atualizados por Melo (1996). Assim como, a noção de Palimpsesto, que dentre outros autores, também foi contemplada nos estudos de Genette. Neste estudo, consideramos o texto como sendo formado a partir da refratação dos matizes de um, ou mais, textos e/ou discursos precedentes os quais dialogam com o texto posterior de forma a materializar suas marcas sociais e ideológicas. A partir desta conjunção, se institui um discurso que longe de ser original o é antes, uma obra aberta e inacabada.

POESIA COMO REVELAÇÃO DO SER

Esse trabalho destina-se a examinar a poesia de Assunção buscando entrever algumas possíveis interpretações de sua rede interdiscursiva. Procuramos perceber, ao adentrarmos na análise do texto poético de Assunção, figuras e temas

que remetem a narrativas da mitologia e a discursos do âmbito da filosofia e da teologia cristã.

Considerando que o texto seja este local onde o pensamento humano se transubstancia deixando de ser éter para ser substância, empreenderemos, através deste estudo, um esforço hermenêutico visando compreender a poesia que brota do íntimo do ser, do pensamento (éter), para depois alcançar outros seres através do texto poético (substância). Assim é a poesia de Assunção como muito bem define Barbosa Filho (2003), “o poeta de metro longo e vocabulário denso”. Marcada historicamente pelo tempo e espaço em que vivemos, sua produção poética é tecida com os fios de muitas vozes, retratando o arrebatamento do ser frente ao gozo da vida, a utopia e a finitude iminente. Como define Bosi, ao atentar para o caráter eternizante e duradouro da palavra substancializada no poema:

[...] A palavra criativa busca, de fato, alcançar o coração da figura no relâmpago do instante. Mas, como só o faz mediante o *trabalho* sobre o fluxo da língua, que é som-e-pensamento, acaba superando as formas da matéria imaginária. O poema – *cosa mentale* leonardesca – transforma em duração o que se dava a princípio como um átimo. (1997, p.36)

A poesia materializada na tessitura do texto através da linguagem, constituindo-se como um palimpsesto, tem o poder de ressignificar o já-dito, posto que, nenhum discurso é original, mas, antes o é a arena onde os vários textos e discursos se entrecrocaram e é deste choque que nasce o texto e/ou discurso de um ser histórico, pois, aqui, consideramos a noção bakhtiniana de que a história é interior ao discurso e o sentido deste é multifário, inacabado e se legitima através do posicionamento que o ser assume no mundo dentro de um espaço-tempo determinados, ou seja, historicamente, refletindo, desse modo, as marcas sócio-culturais e ideológicas adquiridas, ora por deslizamentos ora por atritos, ao longo da sua trajetória pelo mundo, como corrobora Rubem Alves ao discorrer sobre os atributos da linguagem histórica:

A linguagem do homem constitui um espelho de sua historicidade. Ela não emerge simplesmente do metabolismo que se dá entre o ser humano e o seu mundo, mas é proferida como uma resposta às situações concretas nas quais o homem se encontra. É óbvio que a linguagem nem sempre consiste na expressão da historicidade humana. Muito frequentemente mostra-se tão-só um conjunto de símbolos que funciona como uma forma taquigráfica

de se representar o comportamento da natureza, ou de se descrever aquilo que objetivamente ocorreu. [...] Quando a linguagem é histórica, no entanto, ela conta a história humana, o que não implica uma simples descrição. Ela contém a interpretação humana da mensagem e do desafio que este lança ao mundo, afirmando o que ele acredita seja a sua vocação, o seu lugar, as suas possibilidades, a sua direção e a sua função no mundo. (ALVES, 1933, p.46)

Este é um dos desafios ao qual o poeta muitas vezes se lança, interpretar a si e a seu tempo através de arranjos linguísticos que refletem uma maneira particular e original de ver o mundo empreendendo um exercício individual, contudo, o que se entrevê na materialidade discursiva é a polifonia, ou seja, o outro-eu, assim, concluímos que da constituição e desenvolvimento dessa materialidade discursiva é que se extrai a alteridade, ou dito de outro modo, a presença do outro, o caráter responsivo que caracteriza os enunciados, considerando que a “definição bakhtiniana para enunciado assemelha-se a concepção atual de texto” (BARROS, 1999, p.1), o qual será concebido aqui, como objeto de comunicação que constitui-se dentro de um contexto sócio-histórico.

A poesia de Assunção, embora se derive, a princípio, de um eu que usa a linguagem, as palavras, também, como um meio de revelar a interpretação que faz de si e do mundo em seu entorno, reparte-se, mais adiante, para absorver o “cruzamento das vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas” (BARROS, 1999, p.3-4). Assim, “O sujeito deixa de ser o centro e é substituído por duas vozes sociais que fazem dele um sujeito histórico e ideológico”. Desta forma, o poeta enquanto sujeito descentrado, traspassado por vários discursos, por vários textos da cultura e da tradição que se encontram refletidos e refratados, também, em sua poesia, constrói seu discurso.

Percebemos neste estudo a teia dialógica, tecidas em fios discursivos que ora recebem ora repelem as diversas vozes que emergem dos muitos textos da cultura interpretando-os e ressignificando-os numa relação de aliança ou polêmica.

Consideramos também o poeta enquanto realizador deste exercício hermenêutico em que o outro, o leitor, torna-se o mediador deste processo interpretativo, o qual construirá sentidos possíveis dentro desta rede interdiscursiva. Assim, o texto poético está posto, aberto às interpretações, ressignificando o homem e o mundo através da linguagem que o materializa. Por isso, não consideramos a

linguagem apenas um conjunto de símbolos que expressam o dizer, mas, sim, apreciamos o dito enquanto expressão das questões existenciais, sua substância de significações.

POÉTICA DO SER N’O CÂNCER NO PÊSSEGO

A fim de compreendermos melhor as marcas interdiscursivas e/ou intertextuais encontradas nos poemas aqui selecionados, achamos oportuno fazer uma breve apresentação do livro: *O Câncer no Pêssego* (ASSUNÇÃO, 1992). Esta obra é dividida em três partes – Nas Crinas da Paixão (O Enleio de Sísifo), O Exercício de Sísifo (O Doublé) e Outro Exercício de Sísifo (O Duplo Duelo); este poema faz parte da segunda parte do livro, ou seja, “O exercício de Sísifo” e isto, para nós, é significativo porque é a partir deste elemento paratextual que iniciaremos nossa análise.

Ainda, para elucidar o nosso caminho hermenêutico relatamos, sucintamente, o Mito de Sísifo. Na mitologia, Sísifo engana Zeus aprisionando Tântatos, a Morte, que fora enviado para levá-lo ao Hades profundo, por ele ter denunciado o Deus-Pai como raptor de Egina, filha do Deus-Rio Asopos, em troca de uma fonte para sua cidade, Corinto. Sísifo engana Plutão, quando Tântatos é finalmente libertado, e volta ao mundo dos vivos, até que definitivamente é condenado à morte. De novo na região infernal do Hades, Sísifo é punido com o exercício eterno de rolar, para o cume de uma montanha um rochedo. Quando Sísifo cria ter atingido o seu objetivo, o rochedo precipitava-se rolando para baixo, condenando-o ao recomeço de um trabalho eterno. Vamos à análise do poema:

O Doublé

Agora eu me expurgo de mim mesmo
em busca de Outro em que me encarcerero;
e é mais que horror o poço interno
em que eu sou duplo, quando não sou vário.

Onde eu sou blefe, onde sou sincero?
onde a costura no cetim-inferno,
se a cada ponto que no meu signo encerro
outro ponto esgarço, em sentido inverso?

Ah, Ser de Angústia, Ser de desespero!

Terrível é o Deus que, por esmero,
te criou assim para o degredo
de ser cúmplice de si próprio
e doublé de si mesmo.

O poema faz uma relação interdiscursiva com o mito de Sísifo, isto se evidencia a partir do título do capítulo – O Exercício de Sísifo – que estabelece uma relação interdiscursiva a partir da sugestão do paratexto.

Observamos que o elemento paratextual, neste caso, o título do capítulo, promove uma “relação menos explícita e mais distante entre os dois textos” (MELLO,1996, p.13), remetendo-nos, intertextualmente, ao mito de Sísifo que o poeta evoca para compor o quadro de significações a partir do momento em que o relaciona com o seu poema.

Percebemos que Assunção faz uso da representação mítica para adentrar no imaginário humano, valendo-se desta conexão intertextual, corrobora a reflexão feita por Sellier, “tanto o mito quanto o mito literário (entendido, o segundo, como receptáculo da narrativa mítica), repousam sobre organizações simbólicas que fazem vibrar cordas sensíveis em todos os seres humanos ou em muitos deles.” (SELLIER, apud MELO 1996, p.25). Assim, através destas relações simbólicas estabelecidas entre os discursos mítico e poético, percebemos a vibração que acende determinados códigos discursivos que nos podem remeter a outros, pois - “o discurso não se constrói sobre o mesmo, mas se elabora em vista do outro (FIORIN, 2003, p.29) - como o discurso referente à imaginação utópica e o discurso teológico fundado, aqui, por Assunção a partir da evocação de figuras e temas que circulam em textos e/ou discursos de tradição cristã. Desta forma, percebemos como os discursos, em dado momento, podem se entrecruzar num processo de reelaboração ininterrupta que comporta toda a historicidade inscrita tanto na linguagem quanto nos processos discursivos.

Teixeira Coelho, ao discorrer sobre a imaginação utópica define-a como sendo a “capacidade de superar os limites frequentemente medíocres da realidade e penetrar no mundo do possível” e continua:

[...] Tem de ser uma imaginação exigente, capaz de prolongar o real existente na direção do futuro, das possibilidades; capaz de antecipar este futuro enquanto projeção de um presente a partir daquilo que neste existe e é passível de ser transformado. Mais: de ser melhorado. (COELHO,1989, P.8)

A partir destas definições, começamos a nossa análise e apresentamos o nível de relações que, acreditamos, podem ser sugeridas pelo poema remetendo aos espaços discursivos referentes à imaginação utópica, considerando que espaços discursivos são definidos por Fiorin como sendo “subconjuntos de formações discursivas” isolados dentro do campo discursivo segundo o grau de relevância que podem ocupar dentro da análise (2003, p.37). Considerando a importância deste espaço discursivo, refletimos sobre o caminho analítico que nos impulsionou. Este caminho se inicia a partir da percepção da presença de uma aspiração utópica, se assim podemos chamar, que o eu-lírico parece revelar ao longo do poema, esta aspiração se constitui no momento em que o eu-lírico se depara consigo demonstrando uma insatisfação decorrente da descoberta de sua condição cindida e heterogênea, o que podemos perceber nos seguintes versos:

Agora eu me expurgo de mim mesmo
em busca de Outro em que me encarcerou;
e é mais que horror o poço interno
em que eu sou duplo, quando não sou vário.

Perscrutando o poema, através de uma das possibilidades semânticas que oferece a palavra, “expurgo”, vemos que o emissor lírico almeja uma purificação de si mesmo, o que nos leva ao seguinte questionamento: só podemos purificar o que não está puro e mais, o desejo de purificação nasce de uma insatisfação com a realidade presente, de onde podemos entrever o conceito de imaginação utópica que, segundo Coelho, nasce de um desejo de transformar, no sentido de melhorar as condições impostas pela realidade presente a qual, geralmente, parece intransponível.

Continuando a análise, percebemos que o eu-lírico se espanta ao vislumbrar seu interior comparando-o a um poço, como no verso “e é mais que horror o poço interno”, o que nos leva a considerar o seu estado de descontentamento que é caracterizado no verso seguinte “em que eu sou duplo, quando não sou vário”, o qual, para nós, denota que o descontentamento provém da constatação do caráter de incompletude que constitui o ser, para o qual a heterogeneidade que forma sua essência é marcada por contradições como corrobora, ainda, os versos “Onde eu sou blefe, onde sou sincero?” e “se a cada ponto que no meu signo encerro; outro ponto esgarço, em sentido inverso?”; em cujos versos, mais uma vez, podemos

perceber uma alusão ao aspecto paradoxal da vida humana - que encerra no sujeito dois pólos antagônicos, o sensório e o metafísico - que deve ser transcendido. Estas incursões, no texto poético de Assunção, vêm apontar, em sua rede interdiscursiva, a presença do discurso da imaginação utópica, o qual, também, poderá ser percebido no Mito de Sísifo como repositório do desejo de utopia.

Partindo destas considerações, analisamos, agora, o mito de Sísifo, buscando perceber as possíveis configurações do aspecto dialógico que o interliga ao poema. Sísifo, segundo a mitologia grega, tornou-se conhecido por executar um trabalho rotineiro e cansativo. Tratava-se de um castigo para mostrar-lhe que os mortais não são livres como os deuses. Os mortais têm a liberdade de escolha, devendo, pois, concentrar-se nos afazeres da vida cotidiana, vivendo-a em sua plenitude, tornando-se criativos na repetição e na monotonia. Neste ponto, talvez, possamos entrever uma possibilidade interpretativa que busca elucidar por que o poeta chama Sísifo para o seu texto, assim, vejamos esta estrofe:

Terrível é o Deus que, por esmero,
te criou assim para o degredo
de ser cúmplice de si próprio
e doublé de si mesmo.

Uma possibilidade interpretativa seria a idéia de castigo, ou seja, a idéia de que Deus ao criar o homem lhe impõe o castigo de viver sob a condição: “de ser cúmplice de si próprio e doublé de si mesmo”, esta condição pode demarcar o conflito existencial da vida humana com suas limitações e contradições. Observamos, que assim, como o eu-lírico do poema, a personagem mítica Sísifo apresenta uma insatisfação diante da constatação da limitada condição humana, contudo, ele não se submete a esta imposição dos deuses e num movimento, como fosse uma imaginação utópica, partindo de um sentimento de insatisfação com o presente transformou, através de suas escolhas, o seu destino e a vida de seu povo. Observamos, também aqui, a presença do discurso da imaginação utópica.

Percebemos neste poema, uma rede interdiscursiva que se configuraria como sendo “o processo em que se incorporam percursos temáticos e/ou percursos figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outro” (FIORIN, 2003, p.32). Esta interdiscursividade, também, dialoga com a tradição cristã que se configura, neste caso, a partir da presença de figuras e temas que mantêm uma associação

semântica com este discurso. A partir destas considerações, passamos a analisar a presença de duas palavras-chave, ou seja, duas palavras que detêm em si um teor semântico mais determinante que nos remete ao discurso teológico cristão, mais especificamente ao bíblico, são elas: inferno e Deus. Assim, temos a possibilidade de um nível de interpretação que está diretamente ligado às construções semânticas que encontram eco nos discursos teológicos de tradição cristã. Contudo, percebemos, a partir da leitura do poema, que a teologia de Assunção funda-se nos discursos teológicos de tradição cristã, mas os percursos temáticos e figurativos sugeridos, por ele, não são contratuais, ao contrário, vão de encontro a este mesmo campo discursivo estabelecendo uma relação polêmica que é assim definida:

Cada tema e/ou figura de um discurso nega tema e/ou figura correspondente de seu outro. O discurso constrói-se sobre o princípio da antítese e é, portanto, atravessado pela exclusão de seu outro. As mesmas palavras podem estar presentes nos dois, mas, com as mesmas palavras, eles não falam das mesmas coisas. (FIORIN, 2003, p.33)

Esta relação polêmica pode ser percebida nos seguintes versos:

Ah, Ser de Angústia, Ser de desespero!

Terrível é o Deus que, por esmero,
te criou assim para o degredo
de ser cúmplice de si próprio
e doublé de si mesmo.

O sujeito da emissão lírica parece atribuir à vontade de Deus a condição de angústia e de desespero que configura a existência humana, pois, se Deus ao criar o humano coloca-o dentro desta realidade, assim, o faz deliberadamente (e com esmero) e é a partir da possibilidade desta interpretação que se estabelece a relação polêmica com o campo discursivo da teologia cristã e, mais especificamente, com o espaço discursivo bíblico que, contrariamente, institui outro discurso o qual, por sua vez, declara que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, portanto, criou um ser não para angústia e desespero, mas, sim, para a glória, não havendo, deste modo, diferença entre criatura e criador.

POÉTICA DO SER NA TRAPAÇA DA ROSA

Dando prosseguimento a análise, realizamos a leitura do poema “A indesejada das gentes” do livro “*A Trapaça da Rosa*” (ASSUNÇÃO, 1998):

A Indesejada das Gentes

Mas o que é a morte
se os mortos se calam,
e exibem em seus lábios hirtos
o mesmo enigma, incógnita?

E morrer será bom, será último
ou encerrará em seu útero
outras tantas infinitas mortes?

Da morte
(colho em ti, meu caro Brecht)
só sabemos o nome.

Neste poema, percebemos a presença interdiscursiva de um tema que permeia vários outros discursos, ou seja, o tema que trata da finitude humana, da morte. Este arquitema, de cunho existencial, além de estar presente nos textos e discursos teológicos e na Literatura, também se encontra no imaginário dos povos imbricados em suas práticas sócio-culturais como fruto da interação dos sujeitos, como vemos nesta citação: “a morte é uma dimensão de toda a existência humana, não só seu ato final” (ANTONIAZZI, 1984). No poema de Assunção o eu lírico reflete sobre o mistério da morte e evoca um sentimento experimentado por todos os homens, sentimento este representado na materialidade do texto através das interrogações e pela afirmação que encerra a última estrofe: “Da morte, só sabemos o nome”. Assim, valendo-se de estratégias linguístico-semânticas, o poeta reafirma o insondável mistério da morte e os vários sentimentos a ela associados, irmanando-se, desta forma, a toda a humanidade.

De acordo com o conceito de dialogismo pensado inicialmente por Bakhtin, nenhum discurso é original. As diversas vozes, consubstanciadas em textos da cultura, se encontram imbricadas umas com as outras fornecendo uma dinâmica discursiva que faz com que o novo, o original, seja pensado a partir do encontro com o Outro, palimpsesticamente, assim, percebemos que o texto aponta para uma presença intertextual e interdiscursiva, primeiramente através do paratexto configurado no título, que nos remete ao poema “Consoada” em que o poeta Manuel

Bandeira constrói um eufemismo no qual a morte é comparada com a ceia natalina e, em seguida, na última estrofe quando o poeta evoca as palavras do dramaturgo alemão Berthold Brecht com a citação: “Da morte só sabemos o nome”.

Nesta análise, mais uma vez, percebemos que os percursos temáticos e/ou figurativos apresentados pelo autor materializam o outro em seu texto. Estes estratos interdiscursivos e intertextuais fazem parte de uma mesma formação discursiva, pois que: “Todos os discursos que repetem os mesmos percursos temáticos e/ou figurativos, isto é, os que mantêm uma relação contratual pertencem à mesma formação discursiva” (FIORIN, 2003, p.32-33). Assim, percebemos que: “Todo discurso define sua identidade em relação ao outro”. Assunção estabelece uma relação contratual em seu poema com Bandeira e Brecht, definindo, deste modo, sua identidade discursiva. Concordamos, assim, que a linguagem é o lugar onde os discursos são evocados num processo dialógico ininterrupto no qual o homem se diz, e este seu dizer transforma constantemente a realidade a sua volta.

Passemos a analisar a possível presença interdiscursiva no poema referente ao campo da filosofia estabelecida a partir do tema existencial da morte. Vejamos o que diz Antoniazzi:

Somente a morte é capaz de abrir uma brecha no torpor ou na indiferença espiritual das pessoas, presas pelos mil cuidados da vida cotidiana, e de subtraí-las ao menos por um instante do esquecimento. Ela nos obriga a pensar nas grandes questões que estão meta ta physika, além do sensível: o eu (a alma), o mundo e Deus. (ANTONIAZZI 1984, p.54)

Segundo Maingueneau (2008, p.33), a heterogeneidade constitutiva que diz respeito ao interdiscurso “não deixa marcas visíveis: as palavras, os enunciados de outrem estão tão intimamente ligados ao texto que não podem ser apreendidos por uma abordagem lingüística *stricto sensu*”. Assim, continuamos a análise buscando perceber a presença interdiscursiva que aponte para o discurso filosófico existencial. Examinemos esta citação retirada do livro “*Apologia de Sócrates*” de Platão:

Aqueles que acreditam que a morte seja algo ruim estão errados. Há boas razões para acreditarmos que a morte seja boa, e eis duas: ou a morte é um estado de nada, ou, como dizem, há uma mudança ou migração da alma deste para outro mundo. Se você supuser que não haja consciência, mas um sono como quem dorme sem ser incomodado por sonhos, a morte será um indizível benefício. Mas se a morte for jornada a outro lugar, e lá, como dizem, todos os mortos são bons, o que daria um homem para poder conversar com Hesíodo e Homero?... A hora de partir chegou, e seguiremos

nossos caminhos – eu o da morte, vocês o da vida. Qual o melhor, apenas Deus sabe. (PLATÃO, 1999)

Observando as palavras de Maingueneau, percebemos que a poesia de Assunção, através da heterogeneidade constitutiva que a funda, pode, neste caso, a partir do tema existencial da morte, apontar para os discursos presentes na filosofia existencial socrática, atentando-se para o fato de que esta conexão discursiva não pressupõe uma intertextualidade que se caracterizaria pela presença de uma alteridade marcada, onde:

[...] o Outro não deve ser pensado como uma espécie de “envelope” do discurso, ele mesmo considerado como o envelope de citações tomadas em seu pensamento. No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. (MAINGUENEAU, 2008, p.39)

Nossa análise, assim fundamentada, reitera a possibilidade de existência de um diálogo interdiscursivo entre o texto poético de Assunção e os discursos que circulam no campo da filosofia, especialmente, no espaço discursivo da filosofia socrática a qual consideramos como apresentando um pendor fortemente existencialista.

Continuando, analisaremos o poema “Entre céu e âncora” do livro “*A Trapaça da Rosa*” (ASSUNÇÃO, 1998):

Entre Céu e Âncora

Esse que sonhou voar com plumas
de pássaros e cera sobre cúmulos
onde tudo era solidão de nuvens;
esse que ousou quebrar o jugo
de atávicas âncoras que nos têm eunucos
todos sobre o pó de tristes juncos
esse se chamou Ícaro e o seu sonho
(conquanto o sol lhe derretesse o *looping*)
transfigurou o perfil do mundo

Neste poema, percebemos que o autor estabelece, mais uma vez, através do Interdiscurso, uma ponte com o discurso mítico para fazer emergir outro discurso, o da imaginação utópica. Assim, sobre o mito de Ícaro, como um palimpsesto, o poeta constrói o seu texto, nada mais apropriado, já que este mito pode sugerir uma

reflexão sobre o descontentamento com o presente, o desejo de mudança da ordem sócio-política vigente, a idealização do futuro com a criação do ou-topos, ou seja, do não-lugar.

Inicialmente, podemos perceber, no título, a existência de um conflito, quase uma antítese se considerarmos a carga semântica das palavras céu e âncora. Investigando o significado da palavra céu, encontramos: espaço ilimitado e indefinido onde se movem os astros; firmamento; região para onde vão as almas dos justos; paraíso; a providência; Deus. (AURÉLIO, 2000, p.42-146); já para a palavra âncora encontramos: peça de formato especial e peso conveniente, que aguenta a embarcação no fundeadouro. A partir destas análises, torna-se possível associarmos a palavra céu à idéia de um anseio de conquistar algo que se encontra muito distante e âncora a um instrumento que nos pode manter presos à terra, partindo desta interpretação torna-se possível considerarmos que o poeta, ao escolher este título, poderia desejar fomentar uma reflexão sobre a paradoxal condição humana, como vimos no poema O doublé, ou seja, o aprimoramento encontra obstáculo nas próprias limitações humanas ou, enquanto o homem deseja alçar vôo, seus pés continuam presos ao chão.

O emissor lírico considera que Ícaro ou, transpondo o mito para nossas vivências, o homem munido da imaginação utópica, concebe o não-lugar, sempre como um lugar mais alto (“sobre cúmulos”), mais sublime, mais perto do céu. Para ele, só neste lugar alto é que o homem conseguirá quebrar o jugo de “atávicas âncoras” (herança da tradição, dos ancestrais), que nos mantêm presos ao chão, eunucos, ou seja, que nos têm dóceis, servis, sem enfrentamento do presente. No verso seguinte, o emissor lírico atenta para a condição comum de todos os homens quando diz “todos sobre o pó de tristes juncos”, ou seja, a mesma condição limitada, decadente em que se encontram todos os seres e que, para ser transcendida, faz-se necessário que, através de escolhas conscientes fundadas, mais uma vez, numa imaginação utópica na qual os interesses individuais sejam superados em prol de uma coletividade, ou como diz o poeta, através de um *looping*, se transfigure o perfil do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de nossas primeiras constatações, observamos que esta análise parcial da obra poética de Assunção se aprofunda à medida que identificamos nela a presença interdiscursiva e/ou intertextual, das muitas vozes que a compõem, especialmente, as que circulam no âmbito dos discursos teológico cristão e da filosofia existencial, imbricados nas narrativas míticas. Comprendemos, através desta análise, que o dito traz em si o já-dito, o mesmo e o seu antagônico, que o conhecimento humano é construído, sempre, a partir do conhecimento preexistente, como um palimpsesto, e que as raízes profundas que formam a cultura alcançam com sua extensão a poesia nutrindo-a e renovando-a conforme aquela é reabsorvida pelas gerações através desta. Analisando mais profundamente a obra poética de Assunção, percebemos um campo profícuo de significações que permitem ao leitor reconhecer-se, ao mesmo tempo em que percebe, também, o Outro. Penetrando em sua própria subjetividade, o leitor ressignifica a sua experiência no mundo consolidando um diálogo com o passado e com o presente para, então transformar as possibilidades vindouras em realidade. Neste ponto de nossa análise, se faz possível pensar a poesia de Assunção enquanto lugar de ressignificação dos discursos, onde o poeta constrói seu texto num ininterrupto processo dialógico, de aliança ou polêmico, através do qual os campos discursivos da filosofia existencial, da teologia cristã e do mito são apontados a partir da relação que estabelecem com os temas existenciais da finitude e da imaginação utópica.

ABSTRACT

This study has as its object of study the poetry of José Antonio Asuncion, aiming to identify the presence of the themes "death" and "Utopia" and examine the possible existence of a interdiscursive dialogue with Christian theology and existential philosophy. The relevance of this work reveals itself from the need to emerge in the academic setting, studies that include works by contemporary paraibanos recognized within the national literary criticism, including winning in the South and Southeast, but whose fortune critical paradoxically, it is still very small. We chose a literature review, qualitative in nature. We found up to this point of the research, the poetry of Asuncion has a strong penchant existentialist reflection, in particular, issues related to death and utopia, interwoven in a dialogue with texts of mythology and figures of Christian theology. For the theoretical and methodological, we used Maingueneau contributions of the authors (1993/2005); Fiorin (2003/2006); Barros (1994); Melo (1996).

Keywords: poetry, interdiscourse, death, utopia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Da Esperança**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1987

ASSUNÇÃO, José Antônio. **O Câncer no Pêssego**. João Pessoa: Editora Ideia, 1992.

_____. **A Trapaça da Rosa**. João Pessoa: Manufatura em co-edição com Editora Universitária/UFPB, 1998.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Annablume, Hucitec, 2002.

BARBOSA Filho, Hildeberto. **Vocábulos e Veredas (tópicos de literatura paraibana)**. João Pessoa, Ed. Manufatura, 2003.

_____. **Os Labirintos do Discurso: expressões literárias da Paraíba**. João Pessoa, Gráfica do UNIPÊ, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz. (orgs.) **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. SP, EDUSP, 1994 (Ensaio de cultura, 7).

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

D'ASSUMPÇÃO, Evaldo A., D'ASSUMPÇÃO, Gislaíne M. & BESSA, Halley Alves. (orgs.) **Morte e Suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis, Vozes, 1984.

FIORIN, José Luiz. **Polifonia Textual e Discursiva**. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**. 2. ed. São

Paulo: Edusp, 2003.

_____ **Intertextualidade e Interdiscursividade** in: Bakhtin: outros conceitos-chave. Braith, Beth (org.) São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2º edição, 1993. (Linguagem-crítica).

_____ **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar Edições: 2005.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. **A Noção de Hipertexto e sua Contribuição para os Estudos Literários**. In: **Literatura Comparada: teoria e prática** / Gilda Neves da Silva Bittencourt, organizadora - Porto Alegre: Sagra, 1996.

MORE, Thomas. **A Utopia**. São Paulo: L&Pm, 1997

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PENHA, João da. **O Que é Existencialismo**. São Paulo, Brasiliense, 2004.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O Que é Mito**. São Paulo, Brasiliense, 2ª Ed., 1986.

SILVA, José Mário da. **Mínimas Leituras Múltiplos Interlúdios**. João Pessoa, Ideia, 2002.

TEIXEIRA, Coelho. **O Que é Utopia**. São Paulo: Brasiliense, 8ª Ed., 1989.